

# ATITUDE, IMAGINÁRIO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICA: ASPECTOS CONCEITUAIS

*Luiz Carlos Balga Rodrigues (UFRJ)*  
[balga@superig.com.br](mailto:balga@superig.com.br)

## **1. Introdução**

O objetivo deste trabalho é, sobretudo, didático, qual seja, o de elucidar, ou mais precisamente, fomentar o debate sobre certos conceitos tão recorrentes na literatura sociolinguística, e ao mesmo tempo tão imbricados, que parecem sugerir, muitas vezes, uma mera sinonímia onde na verdade podemos perceber nuances bastante significativas. Para melhor entendermos, por exemplo, o porquê da preferência por uma determinada língua numa sociedade plurilíngue, a política linguística que é posta em prática ou até mesmo como se apresenta o quadro de ensino de línguas estrangeiras numa sociedade, vale a pena investigar certos conceitos como: atitude, imaginário, representação e identidade linguística. Não pretendemos aqui uma análise exaustiva dos conceitos, nem uma pesquisa histórica sobre como essas noções foram se transformando ao correr do tempo. Vamos, num primeiro momento, particularizar os conceitos para, num segundo momento, explorarmos suas relações, seus pontos de contato e suas implicações a partir de alguns exemplos esclarecedores.

## **2. Atitude linguística**

Dominique Lafontaine define atitude linguística como sendo “a maneira como sujeitos avaliam línguas, variantes, variáveis linguísticas ou, mais frequentemente, locutores expressando-se em línguas ou variantes linguísticas particulares.”<sup>83</sup> (1997, p. 56; tradução nossa). Nicole Gueunier, por sua vez, tratando de representações linguísticas sublinha que há muito tempo a noção de representação linguística se confunde com a de atitude, distinguindo-as um pouco mais adiante, da seguinte

---

<sup>83</sup> “la manière dont des sujets évaluent soit des langues, des variétés ou des variables linguistiques soit, plus souvent, des locuteurs s’exprimant dans des langues ou variétés linguistiques particulières”.

maneira:

Se representações e atitudes linguísticas têm em comum o traço epilinguístico que as diferencia das práticas linguísticas e das análises metalinguísticas, elas se distinguem teoricamente pelo caráter menos ativo (menos orientado em direção a um comportamento), mais discursivo e mais figurativo das representações.<sup>84</sup> (1997, p. 247; tradução nossa).

Trataremos das representações mais adiante. Podemos inferir a partir dos conceitos supracitados que a atitude linguística constitui então um comportamento, uma ação, uma conduta, uma postura em relação a uma língua. É uma manifestação da atitude social dos indivíduos que interfere tanto na língua como no uso que dela se faz em sociedade. Ao falar “língua” incluímos qualquer tipo de variante linguística: atitudes em relação a estilos, socioletos, variantes regionais ou línguas diferentes. A atitude em relação a uma língua ou ao seu uso é mais facilmente identificável quando se tem em mente que as línguas não são apenas portadoras de formas e atributos linguísticos determinados, mas que também transmitem, por exemplo, conotações sociais, traços culturais, valores sentimentais e éticos. É possível afirmar que as atitudes linguísticas dizem respeito às próprias línguas e à identidade dos seus falantes. Conseqüentemente, é lógico pensar que, uma vez que exista um elo entre língua e identidade, a atitude linguística há de se manifestar no comportamento dos indivíduos em relação não apenas a essas línguas, mas também em relação a seus usuários. Uma atitude linguística positiva ou negativa pode determinar que uma troca linguística se realize ou não, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizado de uma língua X seja mais eficaz que o da língua Y, que certas variantes linguísticas se confine a contextos mais ou menos formais, que determinada língua seja levada ao abandono e ao desprezo por certos grupos sociais, ao mesmo tempo em que outras línguas sejam (re)valorizadas e (re)inseridas no contexto escolar.

As atitudes linguísticas são atitudes psicossociais, ou seja, se as línguas têm conotações sociais, é natural que sejam avaliadas (admiradas ou desprezadas) a partir do *status* ou das características sociais dos seus usuários. Por isso, a atitude em relação a uma língua e a atitude em relação ao grupo social que dela se serve parecem confundir-se. Embora as

---

<sup>84</sup> “Si représentations et attitudes linguistiques ont en commun le trait épilinguistique, qui les différencient des pratiques linguistiques et des analyses métalinguistiques, elles se distinguent théoriquement par le caractère moins actif (moins orienté vers un comportement), plus discursif et plus figuratif des représentations”.

línguas sejam entidades objetivamente comparáveis, o que frequentemente provoca as manifestações de apreço ou dasapreço são as opiniões sobre os grupos sociais ou etnolinguísticos. O habitual é que sejam os grupos sociais mais prestigiados, mais poderosos socioeconomicamente, os que ditam as normas das atitudes linguísticas das comunidades de fala. Por isso, as atitudes costumam ser positivas em relação à língua, aos usos e às características dos falantes com maior prestígio e de mais alta posição social.

### 3. *Imaginário e representação linguística*

Em relação ao imaginário linguístico, Cécile Canut deu-lhe a seguinte definição:

conjunto das normas avaliativas subjetivas que caracterizam as representações dos sujeitos sobre as línguas e as práticas linguísticas, observável através dos discursos epilinguísticos. Ele engloba a relação pessoal que o sujeito estabelece com a língua.<sup>85</sup> (*apud* CALVET, 1999, p. 155; tradução nossa)

Depreende-se, então, que os discursos epilinguísticos sejam o significativo do imaginário linguístico, ou seja, o aspecto gerador da atitude linguística, sua fundamentação.

Anne-Marie Houdebine-Gravaud definiu, por sua vez, imaginário linguístico como sendo:

a relação do sujeito com a língua – a sua e a da comunidade que o integra como sujeito falante – sujeito social ou na qual ele deseja ser integrado, pela qual ele deseja ser identificado por e na sua palavra; relação enunciável em termos de imagens, que participa das representações sociais e subjetivas; dito de outra forma, por um lado das ideologias (vertente social) e por outro lado dos imaginários (vertente mais subjetiva).<sup>86</sup> (2002, p. 10; tradução nossa)

---

<sup>85</sup> CANUT, C. *Dynamique et imaginaire linguistiques dans les sociétés à tradition orale: le cas du Mali*. Thèse sous la direction d'Anne-Marie Houdebine, Université de Paris III, 1995, p. 708 e p. 41-42. *apud* CALVET, L.-J. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999, p. 155. "Ensemble des normes évaluatives subjectives caractérisant les représentations des sujets sur les langues et les pratiques langagières, repérable à travers les discours épilinguistiques. Il rend compte du rapport personnel que le sujet entretient avec la langue."

<sup>86</sup> "rapport du sujet à la langue, la sienne et celle de la communauté qui l'intègre comme sujet parlant-sujet social ou dans laquelle il désire être intégré, par laquelle il désire être identifié par et dans sa parole; rapport énonçable en termes d'images, participant des représentations, sociales et subjectives, autrement dit, d'une part des idéologies (versant social) et d'autre part des imaginaires (versant subjectif).

Se as noções de representação ou de imaginário linguísticos designam o conjunto das imagens que os locutores associam às línguas que praticam, quer se trate de valor, de estética, de ideologia, de sentimento normativo ou, mais largamente, metalinguístico, pergunta-se: em que essas noções se diferenciam? A resposta parece vir precisamente dos termos “subjetivas” e “sujeito” presentes nas duas definições acima descritas e que parecem dar ao imaginário linguístico um caráter de individualidade e à representação, um caráter coletivo.

As representações linguísticas são então constituídas pelo conjunto das imagens, das posições ideológicas, das crenças que têm os grupos sociais a respeito das línguas e das práticas linguísticas, suas e dos outros. Elas correspondem a tudo aquilo que os locutores dizem ou pensam das línguas que falam (ou da maneira como falam) ou das que os outros falam (ou do modo como falam). Reiteramos aqui o uso das expressões “grupo social”, “locutores” com o intuito de reforçar o caráter coletivo, grupal, social das representações.

É o imaginário linguístico, por sua vez, que vai muitas vezes determinar a escolha por parte de um indivíduo de uma língua estrangeira a ser aprendida. Uma posição política anticapitalista e antiamericana pode levar a uma rejeição em aprender inglês e, quem sabe, uma simpatia pela língua árabe. Da mesma forma o romantismo das imagens das gôndolas de Veneza ou o estereótipo do *glamour* e da sofisticação podem estimular alguém a procurar por cursos de italiano ou de francês, respectivamente.

#### **4. Identidade linguística**

Outro conceito que merece ser aqui tratado é o de identidade linguística. Compreendemos como identidade o sentimento de pertencer a uma tradição religiosa, a uma nacionalidade, a um grupo étnico ou linguístico, a um clube de futebol etc. A identidade é aquilo que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro e que pode ser definida de forma objetiva (pelas instituições que a compõem), subjetiva (pelo sentimento de comunidade compartilhado por todos os seus membros) e até mesmo pela alteridade, já que muitas vezes é mais fácil se definir por aquilo que não se é. Dentro do conceito de identidade há um lugar para a língua, porque uma comunidade também se caracteriza pela variante ou pelas variantes linguísticas usadas em seu interior e,

além disso, porque a percepção do que é igual ou diferente se faz, sobretudo, por meio dos usos linguísticos. Vale lembrar o que diz Guisan:

O Outro preenche um papel essencial na definição da identidade do próprio sujeito; consequentemente, a língua do outro terá uma função primordial na delimitação do domínio da língua, já que é considerada como elemento da identidade coletiva. Daí eleger o Outro e a sua língua como ameaça para a “pureza”, há apenas uma etapa rapidamente percorrida na história dos nacionalismos em particular, e dos etnocentrismos e racismos, onde o desprezo através da representação das outras línguas alimenta os preconceitos em geral. (2009, p. 18)

Toda língua, antes de pertencer ao indivíduo, pertence a um grupo que a transmite ao indivíduo. E os membros do grupo, para se diferenciarem de outros grupos, farão da língua seu principal símbolo identitário: quem não conhece a língua está fora do grupo, quem a domina, pertence ao grupo, ou pelo menos faz um esforço considerável para aceder ao grupo. A língua não é apenas a ferramenta própria de cada membro da sociedade, mas sua posse significa pertencer ao grupo.

Se podemos afirmar que a língua é muito mais do que uma simples ferramenta para a comunicação de mensagens, isto se mostra particularmente evidente em comunidades plurilíngues onde vários grupos têm sua própria língua. O grupo pode se distinguir através de sua língua e é por meio dela que suas normas e valores culturais são transmitidos e formatados. Os sentimentos grupais são enfatizados mediante o uso da sua própria língua e os membros que não pertencem ao grupo são excluídos de suas transações internas.

Interessante amálgama entre identidade linguística e identidade nacional estabeleceu-se no Haiti, principalmente no final dos anos 80 com a promoção do crioulo à língua oficial da República ao lado do francês. Reavivou-se à época o debate sobre a melhor grafia para o crioulo: dever-se-ia optar por uma grafia fonética que o distanciaria da língua francesa ou por uma grafia etimológica que preservaria graficamente a base francesa da nova língua oficial? Sem falar das discussões de ordem prática – muitas vezes calcadas simplesmente no senso comum – sobre a maior ou menor facilidade de aprendizagem de um sistema em comparação ao outro, percebe-se nitidamente o nível de ideologização do debate. Os partidários da construção definitiva de uma identidade nacional não apenas rejeitavam o alfabético etimológico como questionavam o nome da língua. Preferiam chamar apenas de haitiano a nova língua oficial. Outros faziam questão de manter o nome crioulo, por se tratar da identidade

crioula, não apenas haitiana, mas regional, caribenha, da qual se sentiam parte (RODRIGUES, 2008).

## 5. *Explorando os conceitos*

As línguas estão longe de ser elementos socialmente neutros, mas estão, na realidade, relacionadas com as identidades dos grupos sociais ou étnicos, o que traz consequências para sua avaliação social e para as atitudes que estas avaliações provocam. Se há uma relação intensa entre língua e identidade, esta relação se manifesta nas atitudes dos indivíduos em relação a essas línguas e seus usuários: atitudes estas que refletem o imaginário e as representações que cada grupo tem da língua do outro.

A situação mais comum em sociedade é que os grupos sociais (ou étnicos) adotam determinadas atitudes em relação a outros grupos segundo suas diferentes posições sociais. Estas atitudes se manifestam em relação a instituições ou modelos culturais que caracterizam esses grupos, tais como a língua, e conduzem a posturas em relação aos membros desses grupos. Os membros dos grupos sem prestígio social ou de minorias linguísticas parecem estar perfeitamente conscientes do fato de que certas línguas, as línguas sem prestígio ou línguas minoritárias, não são úteis para conseguir mobilidade social ascendente. O espanhol nos Estados Unidos, o quéchua no Peru, o crioulo no Haiti, o occitano na França não estão associados à preparação acadêmica, ao mercado de trabalho, aos avanços tecnológicos e ao sucesso econômico. É comum então que numa situação de conflito linguístico haja um grupo de locutores que procura se identificar com o grupo dominante negando a própria existência do conflito. Esse grupo procura adquirir a língua dominante e os modelos de comportamento social e cultural que ela veicula, abandonando seus próprios valores e sua identidade social.

Para exemplificar esta situação, vale a pena observar o caso da língua occitana no sul da França. Em outubro de 2010 uma decisão judicial forçou a prefeitura da cidade de *Vilanôva de Magalona* a retirar os letreiros em occitano que anunciavam a entrada no município. Os letreiros estavam ao lado de outros onde figura a denominação francesa da vila: *Villeneuve-lès-Maguelone*. O magistrado justificou a sentença dizendo que somente o francês é a língua oficial da república, pois não há um interesse geral que justifique a presença do letreiro em occitano<sup>87</sup>. É exa-

---

<sup>87</sup> A justiça francesa proíbe os letreiros em occitano "porque geram confusão". *Diário Liberdade*: onli-

tamente essa questão do interesse geral que causou tanta polêmica. Trata-se de um juízo de valor, sem dúvida, consubstanciado numa atitude linguística que reflete a falta de prestígio de que este idioma goza na França. Sabe-se que apenas uma minoria de pessoas capaz de falar occitano cultiva o uso desta língua em família ou com os amigos. O conhecimento do occitano é visto como de pouca utilidade para o futuro. Na verdade o interesse pelo occitano baseia-se muito mais no seu valor cultural e simbólico para a identidade regional do que pela sua utilidade prática.

Vale lembrar, porém, que o fato de os falantes de línguas minoritárias mostrarem em muitos aspectos uma atitude negativa em relação à sua própria língua não significa que não a tenham em grande consideração. A língua pode ser valorada por razões sociais, subjetivas ou afetivas, especialmente no caso de falantes das gerações jovens em contextos de imigração ou por pessoas que se sintam orgulhosas de sua cultura minoritária. Esta forma de lealdade linguística reflete as estreitas relações existentes entre a língua e a identidade social dos grupos etnolinguísticos.

As situações de conflito linguístico a que nos referimos anteriormente ocorrem quando duas línguas claramente diferenciadas se enfrentam, uma como politicamente dominante (uso oficial, uso público) e outra como politicamente dominada. As formas de dominação vão desde a repressão pura e simples (exemplo da Espanha franquista que proibia o uso de qualquer outra língua no território espanhol que não fosse o castelhano) até aquelas que são tolerantes no plano político e cuja força repressiva é essencialmente ideológica. A própria pressão do meio social vai forçar escolhas que podem levar à eliminação gradual dos usos linguísticos menos rentáveis e menos considerados.

Em muitas comunidades não se fala apenas uma língua, mas várias. Nessas comunidades o plurilinguismo é a norma, não a exceção. O uso de duas ou mais línguas requer o emprego de uma série de normas concretas e a especialização funcional dessas línguas. É o caso da diglossia, termo cunhado por Ferguson, em 1959 que se refere à situação em que duas ou mais línguas faladas no mesmo espaço geográfico desempenham diferentes funções sociais. Um bom exemplo dessa multiplicidade linguística é a Ilha Maurício. Nesta república de cerca de um milhão e

---

ne, Ferrol, 24 out. 2010. Disponível em:  
<[http://www.diarioliberalidade.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=7945](http://www.diarioliberalidade.org/index.php?option=com_content&view=article&id=7945)>. Acesso em: 16 abr. 2011.

trezentos mil habitantes, há mais de dez línguas com um número razoável de falantes. A maioria está associada a grupos étnicos descendentes de imigrantes do sudeste asiático, além de uma língua colonial, o francês (que praticamente divide o *status* com o inglês, única língua oficial). No meio está o crioulo que, por um lado é a língua étnica de um grupo particular, chamado de *população geral* e que, por outro lado, funciona como língua franca. Nesta situação, para usar o exemplo dado por Appel e Muysken (1996, p. 37), um empresário de ascendência étnica bhojpuri pode empregar o inglês ao telefone para tratar com uma grande companhia, francês para negociar com um funcionário do governo uma autorização para construção, brincar com seus colegas de trabalho em crioulo, depois ir para casa e falar hindi com sua esposa e ambos – hindi e crioulo – com seus filhos: crioulo ao brincar com eles, hindi para exigir que façam suas lições de casa.

São diversos os fatores determinantes de uma escolha linguística. Entre eles podemos destacar a pertença ao grupo e o tema da conversação. Evidentemente, ao poder usar a língua para expressar a própria identidade, esta identidade imposta pela pertença ao grupo resulta ser um fator crucial na escolha linguística. Um índio sul-americano na Europa pode querer marcar sua origem étnica de algum modo através da fala. Da mesma forma, a situação como a interação se produz também terá uma influência importante. Dois paraguaios podem falar português durante o trabalho no Brasil; porém, mais tarde, eles se encontrarão em um bar e empregarão o espanhol ou até mesmo o guarani, se em meio a outros latino-americanos quiserem marcar ainda mais profundamente a sua identidade. Finalmente, também o tema da conversação pode influenciar na escolha linguística. Na maior parte das sociedades bilíngues há temas, como política e economia, para os quais se prefere outra língua que não seja a mesma empregada para as piadas e as brincadeiras.

Hoje em dia podemos notar em muitas regiões bilíngues ou pluri-língues do mundo uma tendência no sentido de que cada vez mais falantes adotem a língua majoritária ou de prestígio em âmbitos onde antes se utilizava a língua minoritária. Adotam a língua majoritária como veículo habitual de comunicação porque quase sempre esperam que falar essa nova língua possa lhes proporcionar melhores oportunidades de mobilidade social ascendente e de sucesso econômico. É preciso apresentar-se como membro da maioria nacional para adquirir uma posição (empregos, postos de responsabilidade, possibilidades educativas). Nesses casos, a língua minoritária corre o risco de se tornar obsoleta. Este não é, porém,

o caso do Haiti, onde o crioulo vem ganhando terreno desde 1987, quando se tornou língua oficial ao lado do francês. É que embora seja a língua de menos prestígio, é a língua majoritária do ponto de vista demográfico: todos falam crioulo, mas só 10% da população é capaz de falar e compreender francês.

Quando uma comunidade deixa de falar uma língua minoritária, a língua nem sempre tende a se extinguir. Há casos de substituição da língua majoritária através de um uso mais extenso da língua minoritária. Muitas vezes, depois de um período de substituição da língua minoritária pela majoritária, a tendência costuma ser a de inverter o processo, porque parte da população se conscientiza de que a língua minoritária está desaparecendo e tentam promover o seu uso. Estes defensores da língua minoritária costumam ser membros jovens e ativos de organizações políticas e culturais que defendem os interesses culturais, econômicos e sociais do grupo minoritário.

O *status* econômico é, sem dúvida, o fator mais relevante na manutenção ou substituição linguística. Nos lugares onde os falantes da língua minoritária possuem um *status* econômico relativamente baixo, há uma forte tendência a substituir sua língua pela língua majoritária. Por exemplo, a maior parte dos falantes de espanhol dos Estados Unidos pertence a setores de nível social baixo e associam falar inglês ao sucesso acadêmico e ao progresso econômico. O espanhol ostenta o estigma de ser a língua dos pobres e os pais, que geralmente possuem um domínio muito pobre do inglês, procuram recomendar a seus filhos que falem inglês, porque já interiorizaram as atitudes sociais em relação ao espanhol. Por outro lado, os falantes de quéchua no Peru, Equador e Bolívia costumam considerar-se de baixo nível social e tendem a substituir sua língua pelo espanhol, que tem a conotação de *status* social alto. Os trabalhadores imigrantes da Europa Ocidental também creem que uma das causas de seu baixo *status* econômico se deve, principalmente, ao fato de que falam uma língua minoritária, por exemplo, o turco, o romeno, o servo-croata.

O *status* linguístico pode ser uma variável importante em comunidades bilíngues ou plurilíngues. Por exemplo, o francês, o russo, o inglês e o espanhol têm um elevado *status* como línguas de comunicação internacional. Devemos, porém, distinguir o *status* dentro de uma comunidade do *status* fora dessa comunidade. O francês tem um *status* elevado fora do Canadá, mas no Canadá o inglês é mais respeitado. Também o árabe tem um *status* elevado no mundo árabe, por ser a língua do Alcorão.

Contudo, na Bélgica, França ou Holanda, por exemplo, a maior parte da população não tem o árabe em grande estima, já que o associam ao imigrante pobre, desqualificado, marginalizado, por quem a sociedade não tem muito apreço. As representações sociais confundem-se com as representações linguísticas e gera o desagrado diante de uma língua considerada rude, dura, ainda que muitas vezes o ouvinte europeu não saiba identificá-la.

A língua e o *status* social estão intimamente ligados no sentido de que o segundo influi diretamente sobre o primeiro. A autoavaliação do *status* linguístico será baixa, sobretudo se o grupo minoritário fala uma variante desprestigiada da língua em questão. Este sentimento de inferioridade linguística é particularmente forte nos casos de línguas minoritárias que já não têm um *status* muito alto no seu próprio local de origem. Por esse motivo, o crioulo haitiano terá um baixo *status* em Nova York, onde há uma grande quantidade de imigrantes e refugiados haitianos. Daí a enorme resistência que se observa entre os pais de origem haitiana para que seus filhos aprendam crioulo. Eles não veem necessidade alguma nesse aprendizado.

Proporcionar serviços governamentais ou administrativos na língua minoritária pode estimular sua manutenção. A educação também é muito importante com relação à manutenção linguística. Se a escola favorece a competência linguística das crianças na língua minoritária e se aprendem a ler e a escrever nessa língua, contribuir-se-á para sua manutenção. A política linguística adotada pode ser, por exemplo, um fator de manutenção das representações negativas sobre uma determinada língua, na medida em que muitas vezes institucionaliza um preconceito linguístico ou pode ser um elemento de transformação, revalorizando línguas desprestigiadas, ajudando a reconstruir positivamente suas representações.

## **6. Considerações finais**

Os conceitos que aqui trabalhamos, por serem tão interligados, necessitam de uma análise mais criteriosa para que possam não apenas elucidar certas situações ao estudante de Letras, ao leitor de trabalhos sociolinguísticos, mas também proporcionar ao sociolinguista/pesquisador a melhor explanação de suas pesquisas, o que poderá dissipar certas dúvidas e/ou o uso inadequado de um termo pelo outro, tão comumente observável entre estudantes e jovens pesquisadores. Muitas vezes atitude e, principalmente, imaginários e representações linguísticas aparecem como

sinônimos ainda que se distingam no seu caráter respectivamente individual e coletivo. O imaginário linguístico é, portanto, a imagem positiva ou negativa que fazemos de uma língua ou de uma variante linguística e que, tendo em vista sua recorrência em outros indivíduos, configura as representações de um grupo social acerca da(s) língua(s) de outro(s) grupo(s). Essas representações geram, por sua vez, atitudes linguísticas (também positivas ou negativas) que, calcadas numa identidade linguística, acabam por julgar a língua do outro como superior ou inferior, feia ou bela, digna ou indigna. Os preconceitos sociais transformam-se assim, muitas vezes, em preconceitos linguísticos. Esperamos que este trabalho, ainda que voluntariamente introdutório, didático e despretensioso, possa contribuir para o debate e servir de estímulo a pesquisas mais profundas envolvendo esses aspectos conceituais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel Lingüística, 1996.

CALVET, Louis-Jean. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.

GUEUNIER, Nicole. Représentations linguistiques. In: MOREAU, Marie-Louise. *Sociolinguistique, concepts de base*. Sprimont: Mardaga, 1997, p. 247-250.

GUISAN, Pierre. Língua: a ambiguidade do conceito. In: BARRETTO, Mônica Maria Guimarães Savedra; SALGADO, Ana Cláudia Peters (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas de/em contato*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 17-27.

HOUDEBINE-GRAVAUD, Anne-Marie. L'Imaginaire linguistique, un niveau d'analyse et un point de vue théorique. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *L'Imaginaire linguistique*. Paris: L'Harmattan, 2002, p. 9-22.

LAFONTAINE, Dominique. Attitudes linguistiques. In: MOREAU, Marie-Louise. *Sociolinguistique, concepts de base*. Sprimont: Mardaga, 1997, p. 56-60.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. *Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti*. 2008. 259p. Tese de doutorado em letras neolatinas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.